

A CRÍTICA TRANSCENDENTAL DO PENSAMENTO TEÓRICO DE HERMAN DOOYEWEERD

Juliana Bolzan Sebe Dias¹

RESUMO: O presente artigo é um ensaio a respeito da teoria do conhecimento de Herman Dooyeweerd, denominada de crítica transcendental. Sua epistemologia busca desconstruir o dogma da autonomia da razão, tão presente hodiernamente, especialmente nos ambientes acadêmicos. Através dela o filósofo busca demonstrar que toda teoria está amparada em pressupostos pré-teóricos. O reconhecimento disso abre portas para diálogos mais frutíferos entre as diversas correntes filosóficas e científicas e para que teorias fundamentadas em uma cosmovisão cristã sejam aceitas nos diferentes campos da ciência.

PALAVRAS-CHAVE: Herman Dooyeweerd, crítica transcendental ao pensamento teórico, dogma da autonomia da razão, epistemologia de Herman Dooyeweerd.

ABSTRACT: This article is an essay on Herman Dooyeweerd's theory of knowledge. Its epistemology seeks to deconstruct the dogma of the autonomy of reason, so present today, especially in academic environments. Through his transcendental criticism the philosopher seeks to demonstrate that all theory is supported by pre-theoretical assumptions, of a transcendent character. The recognition of this opens the door to more fruitful dialogues between different philosophical and scientific currents and for theories based on a Christian worldview to be accepted in different fields of science.

KEYWORDS: Herman Dooyeweerd, transcendental criticism of theoretical thought, dogma of the autonomy of reason, epistemology of Herman Dooyeweerd.

¹ Mestre em Direito, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Direito Público pelo Centro de Atualização em Direito. Especialista em Filosofia e Teoria do Direito, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bacharela em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bacharela em Teologia pelo Instituto Metodista Izabela Hendrix. Advogada. E-mail: ju_bsd@hotmail.com.

INTRODUÇÃO - O PROJETO DE HERMAN DOOYEWEERD

Inicialmente, Herman Dooyeweerd objetivou desenvolver uma filosofia cristã que estabelecesse uma relação entre os princípios bíblicos e a realidade da vida, o que implicaria em uma investigação teórica sobre as estruturas da realidade temporal à luz da fé cristã. Porém, ele percebeu que “toda filosofia que reivindicar um ponto de partida cristão seria confrontada pelo tradicional dogma da autonomia do pensamento”, também chamado de dogma da autonomia da razão, ou mito da neutralidade religiosa. Assim, antes de desenvolver uma cosmovisão cristã sobre a realidade, ele decidiu trabalhar para desconstruir esse paradigma, caso contrário seu projeto não teria êxito dentro de um ambiente acadêmico².

Os filósofos e cientistas que creem na autonomia do pensamento teórico defendem que a razão é completamente independente de quaisquer pressuposto supra teórico e tendem a acreditar que somente teorias desvinculadas de conceitos “religiosos” seriam confiáveis. Porém Dooyeweerd aponta que se fosse assim todas teorias filosóficas e científicas deveriam chegar às mesmas conclusões, mas não é isso que ocorre na prática. Dessa forma, o primeiro objetivo de Dooyeweerd passou a ser demonstrar que toda teoria depende de pressuposições de caráter religioso e que não há uma interpretação neutra sobre a realidade³. Conforme Roy Clouser aduz:

O propósito de mostrar que isso [que toda teoria depende de pressuposições de caráter religioso,] é o caso, é para abrir o caminho para sua teoria da realidade explicitamente cristã. Pois, se correta, sua crítica demonstra que uma teoria explicitamente teísta não faz nada diferente do que todas outras teorias fazem. Todas, igualmente, são reguladas por alguma crença divina, e então uma ontologia cristã não é ‘sectária’ ou tendenciosa enquanto as outras teorias são ‘neutras’. *Mostrando que neutralidade religiosa é um mito, e que todas teorias*

² Cf. CLOUSER, Roy. “The Transcendental Critique Revisited and Revised,”. **Philosophia Reformata** 74, 2009, 21-47, p.1; DOOYEWEERD, Herman. **Raízes da Cultura Ocidental: as opções pagã, secular e cristã**. Traduzido por Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p.75; CHAPLIN, Jonathan. **Herman Dooyeweerd: Christian philosopher of state and civil society**. Indiana: Notre Dame, 2011, p. 40; DOOYEWEERD, Herman. **A New Critique of Theoretical Thought**. vol. I: the necessary presuppositions of philosophy. Philadelphia: The Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1969, p.119; Cf. DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental: estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico**. São Paulo: Hagnos, 2010, p.47.

³ Cf. DOOYEWEERD, 2010, p.49.

*da realidade são religiosamente reguladas, sua crítica almeja nivelar o terreno e pavimentar o caminho para sua própria ontologia, que não é reducionista, pois é regulada pela crença em Deus*⁴

O trabalho de provar que toda teoria está amparada em pressupostos religiosos abre portas não somente para que uma filosofia cristã seja aceita nas universidades, mas também para que seja possível um diálogo transparente entre pensadores de linhas teóricas com bases radicalmente opostas⁵. Dessa forma Verburg afirma:

Na opinião de Dooyeweerd, uma crítica transcendental do pensamento teórico era, assim, necessária para demonstrar que em toda filosofia existem pressuposições supra teóricas e que, portanto, nenhuma escola filosófica pode reivindicar o monopólio científico para si mesmo. Tal crítica, entendida como uma investigação interna do próprio ponto de partida, *contribuiria para a tolerância entre as várias correntes filosóficas* no Ocidente e, ao mesmo tempo, *estimularia um diálogo mutuamente vantajoso* entre as posições filosóficas.⁶

O objetivo do presente trabalho é apresentar de forma sucinta esse primeiro projeto de Herman Dooyeweerd, intitulado de crítica transcendental, que refere-se à sua epistemologia.

1. CATEGORIAS BÁSICAS DA TEORIA DA REALIDADE DE HERMAN DOOYEWEERD

Antes de expor as ideias centrais da teoria do conhecimento de Dooyeweerd, é importante apresentar de forma panorâmica como ele enxergava o horizonte da experiência temporal. Para o filósofo a realidade temporal é composta pelas estruturas de individualidade e pelos aspectos modais. As estruturas de individualidade englobam coisas, eventos e relações sociais que existem do tempo cósmico. Os aspectos modais são o modo pelo qual essas estruturas de individualidade se manifestam no tempo⁷.

⁴ Cf. CLOUSER, 2009, p.10, tradução nossa, grifo nosso.

⁵ Cf. CHAPLIN, 2011, p.40,41.

⁶ Cf. VERBURG, Marcel E. **Herman Dooyeweerd: The Life and Work of a Christian Philosopher**. Jordan Station, Canada: Paideia, 2015, p.276.

⁷ Cf. KALSBECK, L. **Contornos da Filosofia Cristã**: a melhor e mais sucinta introdução à Filosofia Reformada de Herman Dooyeweerd. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p.75,85; CHAPLIN, 2011, p.57,87; DOOYEWEERD, 2015, p.59.

Dooyeweerd identifica quinze aspectos modais da realidade: o aspecto quantitativo, espacial, cinemático, físico, biótico, sensorial, lógico, histórico, linguístico, social, econômico, estético, jurídico, ético e pístico⁸. Cada aspecto da realidade possui um núcleo de significado, que é o que o distingue dos demais e cada ciência se especializa a estudar um aspecto⁹.

Embora seja possível distinguir cada aspecto, eles nunca aparecem isoladamente, mas sempre em uma coerência uns com os outros, reciprocamente conectados; e o sentido de um só pode ser compreendido na sua relação com os demais. Além disso, apesar de não haver hierarquia entre os aspectos, há uma ordem de sucessão entre eles, de maneira que o aspecto posterior está fundamentado no aspecto anterior¹⁰.

O aspecto lógico e os seguintes pertencem à esfera normativa, o que significa que eles precisam ser positivados/ implementados pela ação e escolha humana. Esse processo de posituação dos princípios não é algo automático, ele influencia e é influenciado pelo desenvolvimento cultural de cada povo¹¹.

2. TEORIA DO CONHECIMENTO DE HERMAN DOOYEWEERD

Os próximos tópicos do trabalho tratarão da teoria do conhecimento de Herman Dooyeweerd. Esse seu primeiro projeto foi considerado por ele como o fundamento de toda sua teoria da realidade, e uma de suas finalidades era desmistificar o dogma da autonomia da razão, demonstrando que toda teoria está pautada em pressupostos religiosos¹².

⁸ Cf. DOOYEWEERD, 1969, vol. I, p.3,24.

⁹ CHAPLIN, 2011, p.59.

¹⁰ Cf. DOOYEWEERD, Herman. **A New Critique of Theoretical Thought**. vol. II: the general theory of the modal spheres. Otario, Canadá: Pandeia Press, 1984, p. 49-50. Os aspectos fundantes são denominados de esferas de substrato, enquanto aqueles que se fundamentam nele são chamados de esferas de superstrato. KALSBECK, 2015, p.85. Diferentemente das teorias imanentes e reducionistas, Dooyeweerd não enxergava os aspectos organizados de maneira hierarquizada, mas todos tinham igual importância. Cf. HOEVEN, Johan van der. In Memory of Herman Dooyeweerd: Meaning of Time and Law. **Philosophia Reformata** 43, 1978, p.140.

¹¹ As normas jurídicas, por exemplo, irão variar de acordo com a cultura e o desenvolvimento histórico de cada povo e, diferentemente das leis físicas, nunca serão automaticamente implementadas. Cf. CHAPLIN, 2011, p. 63.

¹² Cf. CLOUSER, 2009, p.1,2.

A epistemologia de Dooyeweerd é desenvolvida através de dois caminhos. O primeiro é estudando a natureza da filosofia. Para ele, a filosofia é um tipo de pensamento teórico que busca a compreensão da totalidade e integralidade da realidade, conectando as ciências e fazendo com que as diversas áreas de estudo possam conversar entre si¹³.

Porém, ao tentar encontrar a coerência no cosmos a filosofia se depara com o seguinte fato: há uma relação de interdependência de todo o cosmo e, por isso, nenhum aspecto ou estrutura da realidade funciona isoladamente. Cada um deles aponta para além de si, de modo que não é possível entendermos o real sentido deles, senão na relação com os demais. Assim, “o sentido modal de qualquer aspecto experiencial *pode revelar a si mesmo apenas em uma inquebrantável correlação com o sentido de todos os outros.*”¹⁴

Porém, para não cair em um relativismo último, Dooyeweerd afirma que existe algo absoluto, supra teórico, que transcende a realidade temporal, e que confere significado a tudo no cosmos. É necessário que haja um ponto de partida absoluto a partir do qual toda realidade temporal é interpretada e esse é o fundamento religioso de toda filosofia. Em suma, se a filosofia visa conectar todas as coisas no cosmos e entender o sentido real delas, ela necessariamente terá que lidar com uma raiz absoluta, supra temporal e supra teórica.

O segundo caminho trilhado por Dooyeweerd para desmitificar o dogma da autonomia da razão é chamado de crítica transcendental. O termo transcendental se refere ao fato de ser universalmente aplicável à toda teoria¹⁵. A crítica transcendental é o estudo da estrutura interna do pensamento teórico, uma inquirição crítica sobre as condições universalmente válidas que tornam o pensamento teórico possível; e é a resposta para três problemas transcendentais: qual a coerência, a totalidade e a origem da realidade¹⁶.

É importante destacar a diferença entre uma crítica transcendental e uma crítica transcendente. A primeira, parte do estudo das condições internas de possibilidade do pensamento teórico. Já a segunda é uma crítica partindo de

¹³ Para Dooyeweerd, fazer filosofia é pensar ativamente e de modo científico, ou seja, teórico. Cf. HART, Hendrik. Dooyeweerd's *Gegenstand* Theory of Theory. In **The Legacy of Herman Dooyeweerd: Reflections on Critical Philosophy in the Christian Tradition**. Lanham, MD: University Press of America, 1985, 143-166, p. 161, nota 30.

¹⁴ Cf. DOOYEWEERD, 2010, p. 88, grifo nosso.

¹⁵ Cf. CLOUSER, 2009, p.3.

¹⁶ Cf. DOOYEWEERD, 1969, vol. I, p.34,35,37; HART, 1985, p.159,160, nota 23 e 29.

um ponto de vista que vai além do pensamento filosófico, permanecendo dogmática¹⁷. Essa distinção é importante para Dooyeweerd, para que o caráter filosófico de sua teoria seja resguardado e não seja confundido com a teologia¹⁸. Assim, afirma Dooyeweerd:

Uma crítica transcendente não tem relação com a estrutura interna do pensamento filosófico e suas condições necessárias. O que ela faz, antes, é criticar os resultados da reflexão filosófica de um ponto de vista que se fundamente além daquele peculiarmente filosófico. Um teólogo, por exemplo, pode criticar a visão kantiana da moralidade autônoma do ponto de vista da fé cristã. Mas essa crítica permanecerá dogmática e sem valor de um ponto de vista filosófico na medida em que o ponto de conexão entre a fé cristã e a filosofia permanecer no escuro, e a autonomia do pensamento filosófico continuar protegida como um axioma¹⁹.

A crítica transcendental procura oferecer respostas a três problemas transcendentais que apontam para a coerência, a totalidade, e a origem da realidade. Esse problemas serão explicados a seguir.

2.1 PRIMEIRO PROBLEMA TRANSCENDENTAL - A COERÊNCIA ENTRE OS ASPECTOS NA EXPERIÊNCIA ORDINÁRIA

O primeiro problema transcendental é: “Qual é o *elo contínuo de coerência entre o aspecto lógico e os aspectos não lógicos* de nossa experiência, da qual esses aspectos são abstraídos na atitude teórica? E como *essa relação mútua entre os aspectos deve ser concebida?*”²⁰. Em outras palavras, o que Dooyeweerd está questionando é como se dá a relação do ser humano com a integralidade das coisas.

Para Dooyeweerd o pensamento é um ato real da consciência e ocorre na coerência total do tempo cósmico. As estruturas de individualidade participam de todos os aspectos simultaneamente e a experiência com as coisas também envolve todos os aspectos de forma harmônica e coerente²¹.

¹⁷ Isso não quer dizer que Dooyeweerd nega a importância dos dogmas, eles têm um papel importante nas confissões da Igreja, porém eles não são apropriados em um debate filosófico. Cf. CHAPLIN, 2011, p.334, nota 12.

¹⁸ Cf. DOOYEWEERD, v. I, 1969, p.37,38; DOOYEWEERD, 2010, p.49,52; CHAPLIN, 2011, p.41,42.

¹⁹ Cf. DOOYEWEERD, 2010, p.52, tradução nossa.

²⁰ Cf. DOOYEWEERD, 2010, p. 61, grifo nosso.

²¹ Cf. KALSBECK, 2010, p.140; DOOYEWEERD, 2010, p. 61-64.

Ele faz distinção entre três atitudes de pensamento: o pensamento supra teórico; o pensamento pré-teórico, também chamado de pensamento ordinário, experiência ingênua, ou experiência ordinária; e o pensamento teórico ou científico.

O pensamento supra teórico são concepções religiosas que orientam a visão sobre a realidade das coisas no horizonte temporal e direcionam a experiência ingênua²².

O pensamento pré-teórico é um pensamento pré-científico. Nele conhecemos as coisas em sua totalidade, imersas na continuidade do tempo, e na coerência de significado entre todos os aspectos da realidade, pois somos seres que se relacionam com as coisas de forma integral. Esse tipo de conhecimento advém da experiência concreta do dia-a-dia, e o resultado dele não é uma teoria sobre a realidade, antes ele é a própria realidade. Nessa atitude não há abstração de um aspecto e nem antítese²³.

Já o pensamento teórico é o pensamento científico ou filosófico. Ele é uma tentativa, artificial e intencional, de abstrair uma dimensão da realidade para torná-la lógica. Portanto, é uma atividade humana qualificada pelo aspecto lógico, que ocorre dentro do ato de pensar. Nele um aspecto não lógico de uma estrutura de individualidade é isolado, abstraído de sua coerência com os demais aspectos, e colocado em oposição com o aspecto lógico. Gera-se entre esses dois polos uma relação antitética, da qual surge uma síntese teórica²⁴.

Para tornar mais claro essa categoria de pensamento pode-se utilizar como exemplo a análise teórica de uma árvore. A árvore é uma estrutura da realidade que funciona em todos os aspectos modais e que pode ser observada na coerência de todos eles, através do pensamento ordinário. Mas alguém pode também, intencionalmente, isolar apenas o aspecto estético (a beleza da árvore), ou o aspecto econômico (o valor de mercado daquela árvore), ou

²² Cf. KALSBECK, 2010, p.146-147; DOOYEWEERD, 2010, p.61-67.

²³ Cf. DOOYEWEERD, 2010, p. 61, 66; KALSBECK, 2015, p. 60, 141,146; DOOYEWEERD, 2015, p. 59-60; DOOYEWEERD, 1984, vol. II, p.474; DOOYEWEERD, 1969, vol.I, p.41.

²⁴ CARVALHO, Guilherme V. R. Poder Político e Justiça Social na Filosofia Reformacional de Herman Dooyeweerd. In: **Revista Eletrônica de Ética e Cidadanía, Mackenzie**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 30-50, 2006, p.32. Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/EST/Publicacoes-artigos/carvalho_3.pdf>. Acesso em fevereiro de 2018; Cf. DOOYEWEERD, 2010, p.54; CLOUSER, 2009, p.4-5; STRAUSS, D.F.M. An Analysis of the Structure of Analysis: The Gegenstand-relation in discussion. **Philosophia Reformata**: 1984, Nr.1 p.35-56, p. 4.

o aspecto espacial (o espaço que aquela árvore ocupa no terreno), etc. Esse isolamento e abstração de uma aspecto seria um pensamento teórico. O objeto da síntese do pensamento teórico é um conceito lógico de um aspecto não lógico, que é chamado por Dooyeweerd de *Gegenstand*. Ele utiliza esse termo para diferenciar o objeto do pensamento teórico do objeto apreendido pela experiência ordinária²⁵.

Cada *Gegenstand* teórico origina uma área do conhecimento científico. Por exemplo, da relação antitética entre o aspecto lógico e o aspecto biótico surge a biologia; entre o aspecto lógico e o aspecto aritmético, surge a matemática; entre o aspecto lógico e o aspecto econômico, surge a economia; entre o aspecto lógico e o aspecto pístico, surge a teologia; e assim por diante. As ciências têm o papel de aprofundar o entendimento de cada aspecto do cosmos, enquanto que a filosofia se dirige ao entendimento da totalidade de significado da coerência aspectual²⁶.

As teorias filosóficas pautadas no dogma da autonomia da razão comumente reduzem o ato de pensar ao pensamento teórico e confundem a teoria com a realidade. Para Dooyeweerd, porém, é por meio da experiência ordinária que apreendemos a realidade. Ela “não é uma teoria, que pode ser refutada por argumentos científicos e epistemológicos”, mas é o fundamento que possibilita o conhecimento teórico. Isso porque antes de se abstrair um aspecto de uma estrutura da realidade, se apreende ela em sua integralidade, em sua relação com os demais aspectos²⁷. Conforme Hendrik Hart explica:

²⁵ Enquanto o objeto da síntese teórica é chamado de *Gegenstand*, a palavra objeto puramente é utilizada por Dooyeweerd para se referir ao todo concreto na experiência ingênua. Cf. STRAUSS, 1984, p.35-56; Cf. KALSBECK, 2015, p. 145.

²⁶ Cf. OLIVEIRA, F. A. Philosophando Coram Deo: uma apresentação panorâmica da vida, pensamento e antecedentes intelectuais de Herman Dooyeweerd. **Fides Reformata**, XI, nº 2, 2006, p. 87.

²⁷ Cf. DOOYEWEERD, 2010, p.61,62, 67; KALSBECK, 2015, p.60; CARVALHO, 2006, p. 32. Esse esforço de colocar a ciência como acesso privilegiado da realidade é o que Roy Clouser chama de cientificismo. Isso é o que ocorre no positivismo lógico, onde a única coisa considerada real é aquela que é auto evidente, em termos lógicos, ou que pode ser comprovado de forma empírica. Cf. CLOUSER, Roy. **Herman Dooyeweerd's Theory of Reality**. Washington, DC: National Presbyterian Church, 2012 [comunicação oral]. Disponível em: <https://youtu.be/GhmkEccGFK0>. Acesso em julho de 2018.

... Teoria não cria a realidade, mesmo que o Gegenstand teórico seja fruto da teoria. Mas, há antes de tudo uma coerência original. E apenas nosso conhecimento dessa realidade coerente original pode nos ajudar a construir a síntese do conceito teórico. [...]. E por essa razão Dooyeweerd afirmou a necessidade de uma visão teórica da realidade na sua coerência com a totalidade²⁸.

Assim, na reflexão sobre o primeiro problema transcendental, Dooyeweerd conclui que a experiência ordinária não pode ser confundida com o pensamento teórico. É a experiência ordinária que corresponde à realidade integral das coisas, pois é ela que reúne todos os aspectos modais de uma estrutura de individualidade em seu elo de coerência contínua.²⁹

2.2 SEGUNDO PROBLEMA TRANSCENDENTAL- PONTO DE APOIO DO PENSAMENTO TEÓRICO

Após a exposição da diferença que há entre a experiência ordinária e o pensamento teórico, Dooyeweerd passa a refletir sobre qual seria o ponto de partida deste último. Isso porque “a relação antitética, com a qual a atitude teórica de pensamento permanece de pé ou cai, não oferece em si mesma uma ponte entre o aspecto lógico e os modos experienciais não lógicos opostos a ele”³⁰.

O segundo problema transcendental pode, portanto, ser formulado da seguinte maneira: “Qual o ponto de referência central em nossa consciência a partir do qual essa síntese teórica pode se iniciar?”³¹. Ou ainda: “De que ponto podemos reunir sinteticamente a lógica e os aspectos não lógicos da experiência que foram separados e opostos um ao outro na antítese teórica?”³².

Há duas formas do pensador encontrar o ponto de apoio: dentro do próprio pensamento teórico, que é o ponto de apoio imanente; e fora do pensamento teórico, que é o ponto de apoio transcendente. Para Dooyeweerd, os polos da relação antitética no pensamento teórico são sempre o aspecto lógico e

²⁸ Cf. HART, Hendrik. Dooyeweerd's *Gegenstand*' Theory of Theory. In **The Legacy of Herman Dooyeweerd: Reflections on Critical Philosophy in the Christian Tradition**. Lanham, MD: University Press of America, 1985, p. 160, 161, nota 29, grifo nosso.

²⁹ Cf. DOOYEWEERD, 2010, p. 62, 64,66.

³⁰ Cf. DOOYEWEERD, 2010, p. 68,69

³¹ Cf. DOOYEWEERD, 2010, p. 68.

³² Cf. DOOYEWEERD, 1969, vol. I, p. 45.

algum outro aspecto da realidade. Ao mesmo tempo, o ponto de partida de uma síntese teórica nunca pode ser encontrado dentro dos termos da relação antitética. Com isso, ele conclui que o ponto de apoio que possibilita a síntese nunca pode ser imanente, mas deve transcender todos os aspectos modais³³.

Diante disso, toda filosofia imanente, pautada no dogma da autonomia da razão, encontra-se em um impasse inescapável, pois “para manter essa autonomia, eles são obrigados a buscar seu ponto de partida no próprio pensamento teórico”. Com isso, eles fazem de um dos aspectos da realidade criada seu ponto de partida, absolutizando esse aspecto. Porém, a própria absolutização de um aspecto modal não origina-se do pensamento teórico e “isso testifica de forma ainda mais clara a influência de motivos suprateóricos mascarados pela pretensa autonomia do pensamento filosófico.”³⁴

Portanto, para Dooyeweerd, esse ponto de apoio de nossa consciência que relaciona os aspectos dissociados na atitude teórica em uma unidade central é transcendente. Ele é uma pressuposição necessária para o ato de pensar e a descoberta dos limites do pensamento, ele “[...] *não pertence à realidade empírica, sendo muito mais uma condição geral de qualquer ato de pensamento*”³⁵.

É o *eu*, (ou *self*, ou *ego*) que realiza essa síntese teórica e capta a realidade em sua integralidade. Portanto, a indagação sobre esse ponto de apoio é, na verdade, uma reflexão sobre quem é o próprio sujeito que pensa, “o que é o homem, na unidade central do seu *eu* [...]”. Essa autorreflexão é o que Dooyeweerd chama *direção concêntrica do eu*³⁶.

Assim, no segundo problema transcendental Dooyeweerd conclui que 1- esse ponto de apoio que possibilita a síntese teórica é transcendental e que 2- entender ele implica em uma autorreflexão, em uma inquirição sobre o próprio *ego*.

³³ Cf. DOOYEWEERD, 2010, p. 68, 69; KALSBECK, 2015, p. 50.

³⁴ Cf. DOOYEWEERD, 2010, p. 69,70. Essa atitude de absolutizar um aspecto é explicado logo adiante, no terceiro problema transcendental.

³⁵ Cf. DOOYEWEERD, 2010, p. 68, 73, 77, grifo nosso; STRAUSS, 1984, p. 3.

³⁶ Cf. DOOYEWEERD, 2010, p.71.

2.3 TERCEIRO PROBLEMA TRANSCENDENTAL - A ORIGEM DO EGO E DA REALIDADE, ARCHÉ

Após essa conclusão, Dooyeweerd aponta o terceiro problema transcendental: como podemos chegar ao autoconhecimento real e qual a origem do *ego*? De onde vem a natureza interna desse *eu* enigmático?³⁷. Chega-se aqui na questão limite da teoria, que não pode dar essa resposta. Toda filosofia que tentar responder à pergunta sobre quem é o *eu* e qual a sua origem, irá recorrer a uma ideia supra teórica³⁸.

Para Dooyeweerd o *ego* não é a fonte de significado das coisas, ele não é nada em si mesmo, e não pode ser compreendido isoladamente. O seu sentido encontra-se nas relações centrais nas quais ele está inserido, que são: 1-a relação do *ego* com o horizonte temporal da nossa experiência, a diversidade modal da ordem temporal; 2- a relação *eu-tu*, do *ego* com outro *ego*, chamada de intersubjetividade; 3- a relação com sua origem³⁹.

Apesar das duas primeiras relações revelarem algumas facetas do *eu*, elas não são o ponto de partida que conferem conteúdo positivo a ele, pois, tudo na realidade temporal, inclusive o próprio *ego*, é criado, é significado, e vazio em si mesmo:

Significado, como dizemos, incessantemente aponta para fora e além de si em direção à uma origem, que em si mesma não é mais significado. [O Significado] se situa dentro dos limites do relativo. A verdadeira origem, no entanto, é absoluta e autossuficiente⁴⁰.

Portanto, o ser humano precisa de algo além de si mesmo para sua autorreflexão, e a unidade central do *eu* não pode ser encontrada nas duas primeiras relações⁴¹. Apenas a terceira relação central do *ego*, com sua *arché* (origem), o Absoluto, é capaz de fornecer esse conteúdo para o *eu*. Dessa

³⁷ Cf. DOOYEWEERD, 2010, p. 72, 75-76.

³⁸ Ao chegar nesse ponto, alguns poderiam contestar Dooyeweerd afirmando que ele está sendo dogmático, incluindo assuntos religiosos na filosofia. Mas ele afirma, ao contrário, que ser dogmático é negar a realidade dessa relação. Cf. DOOYEWEERD, 2010, p.80, 81.

³⁹ Cf. DOOYEWEERD, 2010, p.78-79.

⁴⁰ Cf. DOOYEWEERD, 1969, vol. I, pág. 10, tradução nossa.

⁴¹ Cf. DOOYEWEERD, 2010, p.75, 78, 79.

maneira “se encontramos esse ponto Arquimediano, nosso eu realiza a *descoberta de que a visão da totalidade não é possível à parte de uma visão da origem, ou do ἀρχή (arqué)*, tanto da totalidade quanto da especialidade de significados.”⁴²

Esta terceira relação, não pode ser encontrada dentro pensamento teórico, que está limitado ao horizonte temporal, mas aponta para além de si, transcendendo o *eu* e a realidade criada. Nela ocorre a abertura para o religioso, transcendente e incondicionado⁴³.

Para Dooyeweerd, há um impulso natural de todo ser humano de buscar o significado das coisas ao seu redor e de si mesmo, e consequentemente há um impulso religioso em direção à origem divina de toda diversidade temporal de significado⁴⁴. Assim, ele aduz:

(...) é apenas nessa *relação religiosa central com sua origem divina* que o ego pensante pode colocar a si mesmo, e a diversidade modal de seu mundo temporal, na direção do absoluto. *A tendência interna de fazê-lo é um impulso religioso inato do ego*. Pois sendo o pondo de concentração da totalidade do sentido, que ele encontra disperso na diversidade modal de seu horizonte de experiência temporal, *o ego humano aponta além de si mesmo para a origem de todo o sentido*, cuja absolutidade reflete-se no ego humano como o assento central da imagem de Deus. *Esse ego, que é vazio em si mesmo, é determinado em um sentido positivo apenas por sua relação concêntrica com a origem divina*⁴⁵.

Se, ao tentar responder a pergunta sobre quem é o *eu* e qual a sua origem, o pensador negar essa relação transcendental e não renuncia o dogma da autonomia do pensamento teórico, ele irá buscar o significado do *eu* em algum aspecto da realidade criada, em um dos polos da relação antitética, que é o que ocorre nas filosofias imanentes⁴⁶. Isso é o que Dooyeweerd chama de absolutização e idolatria:

⁴² Cf. DOOYEWEERD, 1969, vol.1, p. 4-5, tradução nossa, grifo nosso.

⁴³ Cf. DOOYEWEERD, 2010, p. 81-83; DOOYEWEERD, 1969, vol. I. p. 7.

⁴⁴ Cf. DOOYEWEERD, 1969, vol. I, p. 57.

⁴⁵ Cf. DOOYEWEERD, 2010, p. 82-83, grifo nosso.

⁴⁶ Nas palavras de Dooyeweerd: “[...] o dogma relacionado à autonomia do pensamento teórico necessita forçosamente conduzir seus aderentes a um *impasse* inescapável. Para manter essa autonomia, eles são obrigados a buscar o seu ponto de partida no próprio pensamento teórico. Todavia, em virtude de sua estrutura antitética, esse pensamento está limitado à síntese teórica intermodal entre o aspecto lógico e o não lógico”. Cf. DOOYEWEERD, 2010, p.69.

Assim, uma reflexão filosófica que não se direciona para a relação religiosa central será obrigada a buscar o ego no horizonte temporal de nossa experiência a fim de evitar um resultado niilista. Consequentemente, tal reflexão abandonará a atitude crítica e fará do ego central um ídolo, absolutizando um dos aspectos modais de nossa consciência temporal. E aqui está a origem de ídolos como o ego psicológico, o lógico-transcendental, o histórico e o moral.⁴⁷

A absolutização ocorre quando um aspecto da realidade passa a ser considerado como a origem de significado do ego e de toda realidade temporal, como *absoluto* (*ser*) e não como *relativo* (*significado*). A consequência disso é que todos os demais aspectos e o *self* passam então a ser reduzidos a esse aspecto que foi absolutizado, o que Dooyeweerd chama de reducionismo⁴⁸:

[...] essa absolutização é a fonte de todos os *ismos* [reducionismos] na visão teórica da experiência humana e da realidade empírica. Eles resultam da tentativa de *reduzir todos os outros aspectos* do nosso horizonte temporal da experiência a *simples modalidades do aspecto absolutizado*.⁴⁹

Os reducionismos são antropológicos (reduzindo o ego a algum aspecto), e cosmológicos (reduzindo os aspectos e estruturas da realidade a algum aspecto), mas ambos estão interligados, de maneira que um leva necessariamente à prática do outro. Um exemplo de reducionismo é o materialismo. Este propõe que a realidade última é a matéria física, e tudo mais é dependente dela. A teoria materialista abstrai o aspecto físico, separando-o da coerência intermodal de significado da realidade temporal; depois o considera como algo independente e o eleva ao status de *arché* (origem) que transcende todo significado. Essa absolutização afeta toda a visão sobre a natureza e o destino do homem, sobre valores e sobre como o ser humano alcança a felicidade⁵⁰.

A crítica de Dooyeweerd não se estende apenas ao materialismo, mas a toda teoria que alega que a natureza última da realidade repousa sobre um dos aspectos da realidade temporal. O psiquismo, por exemplo, absolutiza o aspecto

⁴⁷ Cf. DOOYEWEERD, 2010, , p. 81

⁴⁸ Cf. CARVALHO, 2006, p.33. Com o reducionismo as características dos aspectos são absorvida pelas características do aspecto idolatrado, e isso gera contradições de lei, que Dooyeweerd chama de antinomias. Cf. KALSBECK, 2015, p.100.

⁴⁹ Cf. DOOYEWEERD, 2010, p. 69.

⁵⁰ Cf. DOOYEWEERD, 1969, vol. I, p.103; CLOUSER, Roy A. **The Myth of Religious Neutrality: An Essay on the Hidden Role of Religious Beliefs in Theories**. Notre Dame: The University of Notre Dame Press. Rev. ed. Kenneth W. Hermann Kent State University, 2005, p.35-36.

sensitivo/psíquico; o racionalismo⁵¹, o aspecto lógico; o economicismo, o aspecto econômico; o historicismo, o aspecto histórico⁵². Pitágoras absolutizou o aspecto numérico; Hume o sensitivo; o marxismo o econômico. Dooyeweerd também aponta especificamente o reducionismo antropológico de Aristóteles⁵³, Platão e Kant⁵⁴, que reduziram o *ego* à dimensão racional.

Essa redução do *self* e da realidade temporal a um ou mais aspectos da realidade não pode ser justificada teoricamente, pois a própria estrutura antitética do pensamento teórico resiste a qualquer tentativa de reduzir um aspecto ao outro. O próprio ato de absolutizar um aspecto modal é anterior à síntese teórica, que pressupõe um ponto de partida⁵⁵.

A crença de que um dos aspectos da realidade é absoluto e é a origem de todas as coisas é tão transcendental e religiosa quanto a crença em Deus. Sendo assim, Dooyeweerd afirma que todas as teorias, incluindo as imanentes, pautadas no dogma da autonomia da razão, estão fundamentadas em crenças religiosas, ou seja, transcendes⁵⁶.

⁵¹ Sobre o problema do racionalismo, cf: STRAUSS, 1984, p. 3.

⁵² Sobre o historicismo cf.: Strauss, DFM. Dooyeweerd's legal and political philosophy: A response to the challenge of historicism. **Journal for Juridical Science** 39(1), 2014, p. 75-96; e: DOOYEWEERD, 2015, p.60-62.

⁵³ Para Aristóteles, a alma humana, relacionada à forma, é racional, imortal e imune às vicissitudes da matéria e do tempo. Da mesma forma, Platão associava a matéria ao erro, *doxa*, enquanto a abstração teórica, *episteme*, seria a realidade. Para Dooyeweerd essa dicotomia entre alma, ligada à perfeição, e corpo, ligado ao erro, é um engano que decorre da confusão entre teoria e realidade. Cf. DOOYEWEERD, Herman. *Capítulo I : El dogma concernient e a la Autonomi a del a Razón y la Posibilidad de un Criticismo Trascendent al de la Filosofía*. Traducido por Valentín Alpuche. Disponível em: <reformedLiterature.com/es> Acesso em: janeiro de 2018, p.13; DOOYEWEERD, 2015, p. 49; DOOYEWEERD, Herman. **Estado e Soberania. Ensaio sobre cristianismo e política**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.45.

⁵⁴ De acordo com a epistemologia de Kant, o conhecimento humano é dependente das impressões dadas na percepção sensória, recebidas nas formas transcendentais da intuição: espaço e tempo; e ordenadas pelas categorias lógicas em uma 'realidade objetiva'. O *eu* pensante está para além dessa realidade objetiva, é transcendental. Para Dooyeweerd, apesar de Kant afirmar corretamente isso, ele reduziu o *ego* ao polo lógico e acreditou que a atividade de conhecer algo poderia ser neutra, imparcial, independente de qualquer atitude religiosa. Cf. KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Ed. Nova Cultura: SP, 1999, p. 7-11, 115; DOOYEWEERD, 2010, p.72-74; DOOYEWEERD, 1969, vol. I, p. 7; DOOYEWEERD, 1984, vol. II, p.498-499; Cf. KALSBECK, 2015, p 146-147.

⁵⁵ Cf. DOOYEWEERD, 2010, p. 70.

⁵⁶ Cf. CLOUSER, 2005, p.23; REICHOW, Josué Klumb. Uma Apresentação da Crítica da Autonomia da Razão, a Partir da Filosofia Cosmonômica de Herman Dooyeweerd. **Anais do Congresso Internacional da Faculdade EST**, 2012, 869-881, p.874.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crítica transcendental de Dooyeweerd aponta para o fato de que todo pensamento teórico pressupõe uma visão de totalidade e isso, por sua vez, dependente de uma crença a respeito da origem de significado de todo o cosmos. Essa pressuposição pré-teórica que todo pensador ou tradição intelectual utiliza para construir conceitos teóricos é o fundamento religioso de toda teoria⁵⁷. Dessa forma, Dooyeweerd demonstra que a crença religiosa não é o fundamento somente de uma filosofia cristã, mas de toda teoria.

O dogma da autonomia da razão negligencia as raízes existenciais do pensamento teórico e oculta os verdadeiros pressupostos das teorias. Mas a crítica transcendental de Dooyeweerd demonstra que todo ser humano possui uma orientação religiosa em direção àquilo que ele considera a origem última de significado de toda realidade temporal; auxiliando, assim, um diálogo entre as diversas correntes teóricas e abrindo portas para o desenvolvimento de uma filosofia cristã.

⁵⁷ Assim, identificando esse pressuposto pré-científico em uma teoria identifica-se sua base religiosa. Cf. CARVALHO, 2006, p. 33.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Guilherme V. R. Poder Político e Justiça Social na Filosofia Reformacional de Herman Dooyeweerd. In: **Revista Eletrônica de Ética e Cidadania, Mackenzie**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 30-50, 2006, p.32. Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/EST/Publicacoes-artigos/carvalho_3.pdf>. Acesso em fevereiro de 2018.

CHAPLIN, Jonathan. **Herman Dooyeweerd: Christian philosopher of state and civil society**. Indiana: Notre Dame, 2011.

CLOUSER, Roy A. **The Myth of Religious Neutrality: An Essay on the Hidden Role of Religious Beliefs in Theories**. Notre Dame: The University of Notre Dame Press. Rev. ed. Kenneth W. Hermann Kent State University, 2005.

CLOUSER, Roy. “The Transcendental Critique Revisited and Revised,”. **Philosophia Reformata** 74. 2009, 21-47.

CLOUSER, Roy. **Herman Dooyeweerd’s Theory of Reality**. Washington, DC: National Presbyterian Church, 2012 [comunicação oral]. Disponível em: <<https://youtu.be/GhmKEccGFK0>>. Acesso em julho de 2018.

DOOYEWEERD, 2015, p. 49; DOOYEWEERD, Herman. **Estado e Soberania. Ensaios sobre cristianismo e política**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

DOOYEWEERD, Herman. **A New Critique of Theoretical Thought**. vol. I: the necessary presuppositions of philosophy. Philadelphia: The Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1969.

DOOYEWEERD, Herman. **A New Critique of Theoretical Thought**. vol. II: the general theory of the modal spheres. Otario, Canadá: Pandeia Press, 1984.

DOOYEWEERD, Herman. **Capítulo I : El dogma concernient e a la Autonomí a del a Razón y la Posibilidad de un Criticismo Trascendent al de la Filosofía**. Traducido por Valentín Alpuche. Disponível em: <reformedLiterature.com/es> Acesso em: janeiro de 2018.

DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental: estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico**. São Paulo: Hagnos, 2010.

DOOYEWEERD, Herman. **Raízes da Cultura Ocidental: as opções pagã, secular e cristã**. Traduzido por Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

HART, Hendrik. Dooyeweerd's Gegenstand Theory of Theory. In **The Legacy of Herman Dooyeweerd: Reflections on Critical Philosophy in the Christian Tradition**. Lanham, MD: University Press of America, 1985.

HOEVEN, Johan van der. In Memory of Herman Dooyeweerd: Meaning of Time and Law. **Philosophia Reformata** 43, 1978.

KALSBECK, L. **Contornos da Filosofia Cristã: a melhor e mais sucinta introdução à Filosofia Reformada de Herman Dooyeweerd**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Ed. Nova Cultura: SP, 1999.

OLIVEIRA, F. A. Philosophando Coram Deo: uma apresentação panorâmica da vida, pensamento e antecedentes intelectuais de Herman Dooyeweerd. **Fides Reformata**, XI, n° 2, 2006.

REICHOW, Josué Klumb. Uma Apresentação da Crítica da Autonomia da Razão, a Partir da Filosofia Cosmonômica de Herman Dooyeweerd. **Anais do Congresso Internacional da Faculdade EST**, 2012.

STRAUSS, D.F.M. An Analysis of the Structure of Analysis: The Gegenstand-relation in discussion. **Philosophia Reformata**: 1984, Nr.1 p.35-56.

STRAUSS, DFM. Dooyeweerd's legal and political philosophy: A response to the challenge of historicism. **Journal for Juridical Science** 39(1), 2014, p. 75-96.

VERBURG, Marcel E. **Herman Dooyeweerd: The Life and Work of a Christian Philosopher**. Jordan Station, Canada: Paideia, 2015.